cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, segunda-feira, 10 de abril de 2023

ADRIANA CALCANHOTTO LANÇA *ERRANTE*, 13º DISCO DA CARREIRA, E SE PREPARA PARA RETOMAR A ESTRADA APÓS A PANDEMIA

ALMA NÔMADE

Léo Aversa/ Divulgação

Adriana Calcanhotto: os álbuns respondem as indagações da pandemia

» PEDRO IBARRA

Os dois anos de pandemia forçaram a reclusão, porém não a criatividade e a gana de fazer arte. Adriana Calcanhotto produziu e muito durante o período. Com a vacina em 2021 e os devidos protocolos de testagem, houve o espaço para trabalhar em algo novo. A cantora foi para o estúdio com 18 composições e vontade de criar. Desse ímpeto da recém-liberdade saiu *Errante*, 13º disco da carreira da cantora.

O álbum tem 11 faixas e, aproximadamente, 38 minutos de uma música que passeia por toda caminhada recente de Adriana. Afinal, não é fruto de um conceito, é uma trajetória com décadas de composição. Canções pensadas de 2016 a 2021 delimitam o caminho de uma artista sempre acostumada a pensar com minúcia cada etapa do trabalho antes de gravar. "Eu fui para o estúdio registrar um material inédito. Não tinha conceito, nome, nem nada", lembra. "Na maioria dos meus trabalhos quando entrava em estúdio, tinha o nome primeiro, ou uma ideia, mesmo que vaga, do que queria fazer. Aqui não, eu gravei tudo e fiquei peneirando e entendendo o recorte daquilo. Demorei até muito para decidir o nome e a cara do disco", explica. "Muito diferente de tudo que tinha feito, nunca tinha sido assim", complementa.

Para a cantora, o formato escolhido para gravar fez do disco algo muito diferente na própria carreira. "Esse é um dos meus trabalhos mais polirrítmicos. Eu adoro. Fiquei muito feliz com isso", analisa. A escolha de músicos experientes para o trabalho, somada a um espaço livre para ideias e sem as amarras de um conceito pré-definido, deram espaço ao espontâneo. "A gente fez para ficar com uma cara de disco de banda, que tem uma liberdade na forma meio jazzística. Cada vez que a gente toca uma música, a gente toca diferente e depois escolhemos o take que gostamos mais", conta a cantora. "A gente parou de buscar uma forma perfeita e passou a tocar e ver o que dá e o que gostamos. O que importa é o caminho, não onde a gente vai chegar", reflete.

Da opção de focar no processo vem o lado errante de Adriana Calcanhotto. "A pandemia me colocou para pensar como me interessa o caminho, como uma alma nômade como a minha ter ficado trancada dentro de casa involuntariamente, me botou para pensar em tudo", recorda. A cabeça que cria também se questiona. "Afinal de contas, eu estou na estrada para estar no palco? Ou estou no palco para estar na estrada? Não respondi isso para mim mesma, mas os discos ficam perguntando", diz a artista, que confia realmente no andar da caminhada. "Também não interessam as respostas, mas sim continuar perguntando", pontua.

> ***Cada vez que a gente toca uma música, a gente toca diferente e depois escolhemos o take que gostamos mais. A gente parou de buscar uma forma perfeita e passou a tocar e ver o que dá e o que gostamos. O que importa é o caminho, não onde a gente vai chegar"***
>
> **Adriana Calcanhoto,** *compositora*

Gal Costa

Adriana está no embalo de um lançamento, mas olhando com carinho para o passado. A cantora foi escolhida pelo produtor Marcos Preto e o selo Biscoito Fino para assumir as datas restantes da agenda de Gal Costa como uma forma de homenagem. No fim de abril, ela parte para a estrada, com a banda de Gal, para cantar repertório inspirado na baiana. "Fui escolhida por ter um perfil que se aproximava ao dela. Claro, aprendi com ela", comenta.

A cantora reorganizou a agenda e assumiu uma grande responsabilidade. "É uma doce encrenca traduzir essa força e trazer o legado gigantesco dessa potência em 22 canções", conta. Porém, Calcanhotto vê a beleza que é ter uma oportunidade como essa. "É um privilégio parar minha vida para ouvir Gal, ouvir o que ela tem para dizer", diz.

Adriana é uma mistura de fã e cantora no palco. Conforme se aprofunda na obra de Gal, mais se encanta. "Gal é uma pessoa que eu amava muito, admirava muito, que me influenciou muito, me formou, me ensinou coisas como a relação com o repertório", explica. "Ela cantou as coisas que queria cantar. Não importava se era um poeta rarefeito ou música popular. O espectro é muito amplo, ela fez passeios incríveis", acrescenta. "Já me conformei que ninguém vai ficar 100% com as minhas escolhas do show, nem o público nem eu, é um legado muito lindo e vasto para traduzir em uma hora e meia", brinca.

Logo em seguida à turnê de homenagem, Adriana parte para Portugal com o *Errante*. A ideia é olhar para o passado com respeito e admiração, e entender que a música brasileira continua forte. "Como você pode ter acesso a todo cancioneiro, dá para comparar. Dá para ver a maravilha que é a música brasileira. São gerações de gênios atrás de gerações de gênios", acredita a artista. "Esse cancioneiro me formou e segue me formando. A gente continua com uma música popular de qualidade, efervescente e pensante", completa.